

133

# MARIMBAS

## OS XILOFONES DOS CHANGANES



s poucos exemplares de marimbas que vi tocados pelos Changanes ao longo do vale do Save inferior, na região de Mambone, perto da Costa de Moçambique, apresentam características especiais e denotam excelente mão de obra. Os executantes neste ponto não eram os que haviam feito os instrumentos. Estes haviam sido comprados a «marimbeiros» Changanes da região de

Chengue que, segundo me disseram, ficava a dois dias de viagem cerca de sessenta quilómetros, rio acima. Informações sobre os instrumentos só os «marimbeiros» as poderiam prestar com segurança. Em todo o caso, consegui obter pormenores por observação directa dos xilofones e também pelo depoimento de um aleijado de nome Uossene Pedro Tunzine que, a partir da ocasião em que numa mina do Rand teve um sério acidente de que resultou ficar sem acção nas pernas do joelho para baixo, se dedicou à música das marimbas. Vários indígenas de Mambone me disseram que era com êle que devia falar, pelo que resolvi procurá-lo. Encontrei-o a rastejar alegremente pela estrada,

apoiado nas mãos e nos joelhos e com os pés protegidos por trapos, nos pontos em que arrastavam pelo chão.

Subiu para o carro e dirigiu-nos através dos campos da margem sul do rio Save, para algumas palhotas, situadas entre maciços de árvores e palmeiras. Amade, o proprietário, como tantos outros da região, estava ausente a trabalhar no Rand, mas a sua mulher recebeu-nos bem e autorizou Uossene a tocar no jôgo de três marimbas que estava arrumado no compartimento maior da palhota circular, de cinco divisões.

Trouxeram as marimbas para a sombra da varanda duma palhota em construção. Uma filhita foi enviada em busca de dois outros tocadores, que moravam a mais de um quilómetro, e entretanto ficámos a ouvir Uossene, discutimos os instrumentos pormenorizadamente e verificámos a afinação das notas pelo meu jôgo de diapasões (54 diapasões afinados de quatro em quatro vibrações de 212 a 424). Por esta forma se podem verificar vibrações até ao limite de duas para mais ou para menos. As notas podem facilmente verificar-se segurando a haste de afinação junto dum ouvido, enquanto pelo outro se ouve a nota do xilofone.

A característica mais saliente do instrumento é a beleza da sua aparência, bem regular, e o suave colorido das teclas que pode variar do amarelo vivo ao vermelho escuro, do mogno. As teclas são cuidadosamente graduadas desde as largas, nos registos graves, até às muito estreitas, nos agudos. Aqui as marimbas tocam-se por grupos de três e chama-se à mais aguda «Muniequera». Tem ela dezanove notas que cobrem duas oitavas e uma quinta; a segunda, «Secanajo», parte da mesma nota dos graves, mas alcança apenas duas oitavas e um tom em dezasseis notas; e a terceira é o «Gulu», que tem dez notas distribuídas por um alcance, iniciado numa sexta abaixo das outras duas, e que abrange uma oitava e uma têtça.

Às notas pròpriamente chamam «Rimba» (Marimba é plural). As teclas variam de 25 a 35 centímetros no comprimento, e a respectiva forma assemelha-se um pouco à dum barco. Dão-lhes ressonância cabasças penduradas por baixo delas, na parte traseira do instrumento. A armação posterior chama-se «Mutanda» e estende-se a todo o comprimento do instrumento; tem duas cavilhas, uma em cada extremo, às quais se liga a tira semicircular, «Gango», feita de madeira de «muchiquiri» ou «mucutlo». Visto esta tira servir de esticador das barras entre as quais as teclas estão fixadas, é às vezes reforçada, para evitar que curve, por um tirante suplementar, também de madeira, chamado «Sitabua» (culunga cuti auange). Duas cordas de tecido muscular, chamadas «Singa», seguram as teclas e estão amarradas entre as duas barras exteriores e passam através de suportes designados por «Chitábuè», que estão colocados como reguladores de distância entre cada duas teclas. Estas, que são feitas de madeira de «munzani», estão fixas àqueles suportes por correias de cabedal, chamadas «Chitoua». A extremidade mais afastada do executante é segura por uma correia que passa num orifício vertical, no nodo (a aproximadamente um quinto do comprimento da tecla, a contar das extremidades). A extremidade mais próxima está, porém, apenas segura por uma única volta de correia.

As teclas ou marimbas têm a forma de barco e são mais largas no centro do que nas extremidades. Como todas as teclas do xilofone são também mais grossas nas pontas. A afinação das teclas é feita da maneira usual, tornando-se mais finas ao meio, para se obter som mais grave, e adelgçando-se nos extremos, para se conseguir som mais agudo. Uossene disse-me que secavam artificialmente as teclas, enterrando-as em areia sôlta, fazendo-lhes depois uma fogueira por cima, durante um

dia inteiro. Conseguem assim tirar o suco da madeira e evitar que esta encolha mais, e que com o tempo se tornem as notas mais agudas. Isto explica as profundas marcas vermelhas e pretas, em muitas teclas, que provavelmente ficaram excessivamente próximas do fogo. Algumas teclas avariadas durante a execução (rachadas ou lascadas) foram reparadas com cera de abelhas, «Namo». Em quási todos os casos a cera prejudicou a afinação, «Cusiiana», tornando-a mais aguda, quando colocada no centro, e mais grave, quando perto dos extremos.

As cabaças de ressonância, fixadas à parte detrás da armação, são em geral as cascas endurecidas da laranja cafreal «Matamba» ou «Damba», a pesar de uma ou duas das maiores serem cabaças. Estão amarradas à parte detrás da armação, quási cosidas, com correias. A junta foi tornada impermeável, ao ar, com cera de abelha, e a bôca aberta para a tecla acima, por um buraco na parte detrás. Dos lados está fixada a uma espécie de mamilo, «Mulomo», uma membrana feita de papel de cigarro ou de asa de morcego, «Bapa ianiama lemalema». Esta membrana é protegida por um colar, feito também dum pedaço de laranja cafreal ou do cabo da cabaça, «Mucombe», que serve usualmente de colher grande. A êste chamam «Chiteesa». A cabaça, com o seu colar membranado de função nasalizadora tem o aspecto dum garrafão deitado de lado, com a bôca virada para os músicos. A membrana destina-se a pôr um *travo* no timbre do som produzido pela cabaça. Esta é cuidadosamente afinada pela nota da tecla que lhe fica sobranceira, por minuciosa gradação dos tamanhos utilizados. A cabaça é escolhida sôbre o pequeno e depois a afinação obtem-se e corrige-se pela constituição dum pequeno colo de cera de abelha, na parte detrás da armação, em redor do orifício, até que a ressonância dê o som exacto. É esta cuidadosa afinação das cavidades

de ressonância, por simpatia, que dá à marimba suave sonoridade, mas também deve referir-se à qualidade das maçonetas. As maçonetas, «Malijo», são feitas de madeira de «muniabango» e têm cabeças de borracha virgem, «Nedande», extraída das árvores de borracha locais, «Mudande». Esta é enrolada em longos cordões. O ressalto da cabeça da maçoneta é um factor importante. A êste respeito verifica-se que o executante tem uma maçoneta de cabeça levemente mais rija na mão direita e menos rija na esquerda. Isto é cientificamente correcto, visto que as notas mais agudas não soariam se a maçoneta fôsse mole, e as notas graves seriam deformadas pelos respectivos harmónicos superiores, se o percutor fôsse excessivamente duro. Êles têm perfeito conhecimento dêste facto, o que eu verifiquei ao tentar tocar uma nota aguda com uma maçoneta das moles. A nota não soou e Uossene disse-me: «Olhe, tome esta, que essa não é boa para as notas agudas». O uso da maçoneta mais dura fez imediatamente que a nota soasse bem.

Como outros africanos estes apreciam o efeito de percussão dos guisos e das cega-regas. Enquanto os chopos utilizam cega-regas tocadas por homens especializados, os Changanes seguram em cada mão pequenas cega-regas «Neduzu», além das maçonetas. Os cabos de cada uma delas, cega-rega e maçoneta, estão gastos e pulidos pela fricção, por serem seguros em cruz na mão do executante. Às cega-regas que esta gente prefere são pequenas cascas endurecidas de qualquer fruto, parcialmente cheias com semente de cana selvagem, fixadas em grupos de duas ou três aos cabos respectivos. São frequentemente dum vermelho profundo, tanto pela sua côr natural como por causa do fumo da palhota.

O xilofone não se apoia em pés mas assenta sôbre o seu ventre

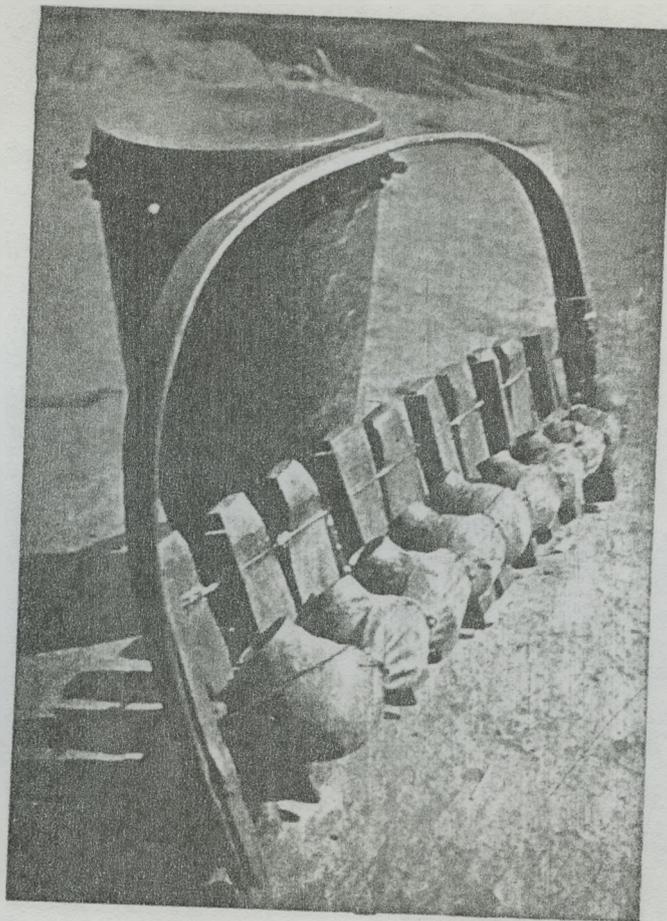
de cabaças. Para êste efeito são aquelas protegidas por uma larga tira de cabedal, que vai de ponta a ponta do instrumento e que encolhe no seu lugar. Isto não protege apenas as caixas de ressonância, mas também auxilia a respectiva fixação à parte detrás do instrumento.

Correias suplementares, fixadas à parte posterior entre cada cabaça de ressonância, aumentam o refôrço. Quando o xilofone não assenta bem no solo fixam-lhe um pequeno pé, «Gumbo», do lado das cabaças mais pequenas, para o nivelar, «Quenzana». O suporte transversal consegue-se, por apoio, num arco semicircular, «Gango». Isto dá à marimba leve declive no sentido do tocador. Êste arco também serve para regular a distância quando se toca o instrumento a andar. Neste caso, é o instrumento agüentado por uma correia que se fixa a cada extremo e que se segura ao pescoço do tocador. E o «Gango» conserva então o xilofone a uma distância confortável, para o músico o tocar.

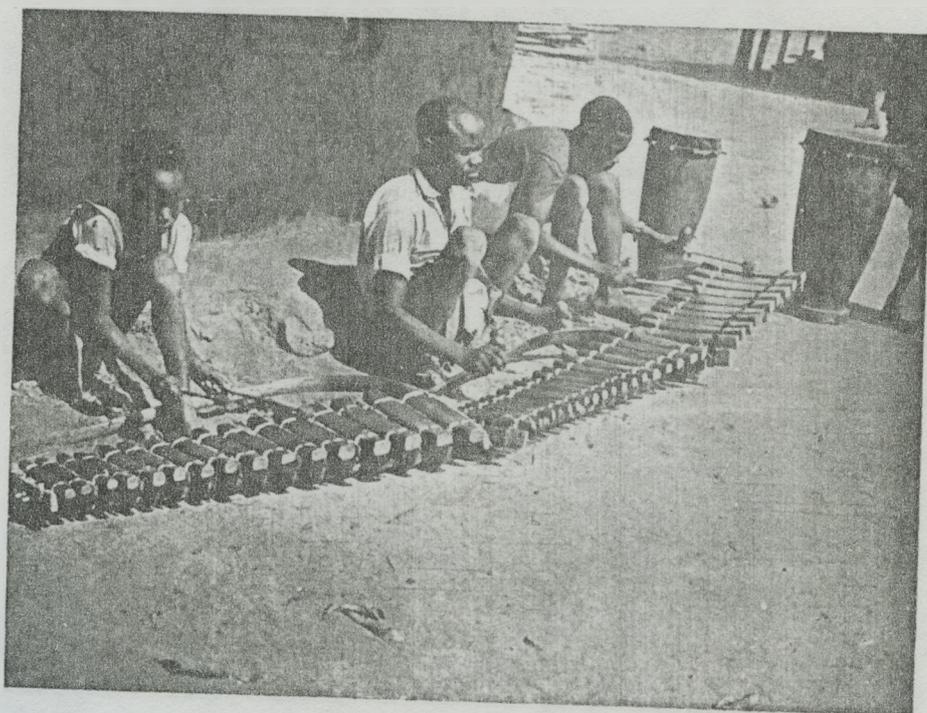


Regressou a rapariguita com os dois tocadores. Um era um rapazinho de cêrca de dezasseis anos, que pegou no «Gulu», e o outro um pequeno de dez ou onze, que tocou o «Secanajo».

O modo de tocar não o compreendi bem e necessitaria muito mais estudo. O «Muniequera» *dirigiu*, como êles dizem «Cutungamira» ou «Curiija», o «Secanajo» *concluiu*, «Cupedzisira», e o «Gulu» *respondeu*, «Cuteuera». Isto significa, em realidade, que o dirigente tocou o motivo e as partes mais importantes no «Muniequera», o instrumento que tinha maior extensão, que o segundo executante tocou descantes agudos ou melodias paralelas, ou contracantos, no «Seca-



Marimba e tambor dos changanes.  
 O arco semicircular «Gango» é fixo nos dois extremos à armação posterior.  
 Hamadi — Mambone.

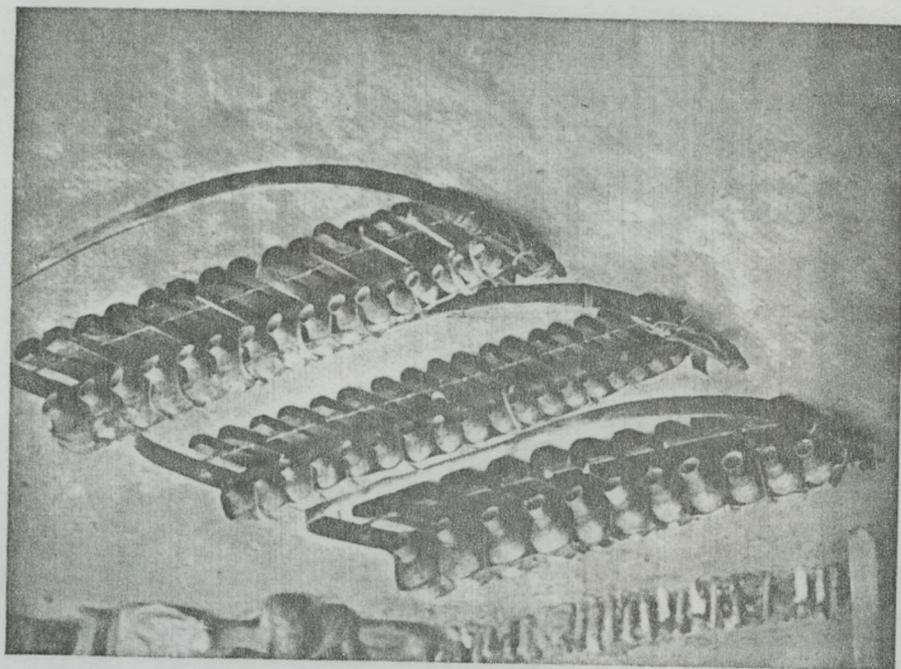


Tocadores de marimba (xilofones) changanes.  
 «Secanajo» à esquerda, «Muniequera» ao centro, e «Gulu» à direita.

Outubro de 1941 — Fotos do autor.



As três marimbas de Cafa Muhucho, em Mambone.  
 A partir de cima: «Secanajo», «Muniequera» e «Gulu».  
 O tocador Antônio, que figura na fotografia, tocava o «Gulu».  
 No chão, maçanetas e cega-regas.



As três marimbas de Cafa Muhucho, deitadas de forma a mostrarem  
 as cabeças de ressonância

Outubro de 1911 — Fotos do autor.

najo» (literalmente «aquele que ri com êles»), enquanto o «Gulu» seguiu o dirigente, como o còro segue o solista, antifonalmente ou de outra qualquer forma. Pelo que ouvi, fiquei com a impressão que estes Changanes são muito dados a cadências e a tocar indisciplinadamente, sem ritmo e sem cambiantes. Infelizmente, não vi dança alguma, exceptuando muito poucos passos, por algumas crianças bastante envergonhadas, que mais não fizeram do que reproduzir os passos básicos do em tempos popular «Charleston» americano. Mas, como êles diziam: «¿ Como podemos nós dançar nestes tempos de seca?». As chuvas haviam falhado e toda a região estava a ração reduzida. Uma banda completa, diziam êles, necessitava três xilofones e três tambores, «Negomouru», «Negomodôco» e «Negomoepacate», o grande, o pequeno e o médio. Os que vi eram tambores feitos de cascas ôcas, com um anel em redor da base. A cabeça de cabedal de boi estava fixada com cavilhas de madeira, através de uma tira envolvente de cabedal. Não encontrei ninguém que exemplificasse como êles se tocavam.

Depois de examinarmos o jôgo de marimbas em Hamadi, fomos de carro a outra palhota, a três ou quatro quilómetros de distância, dentro dum pequeno bosque de cajueiros, cujo proprietário, Cufa Muucho, também estava em Joanesburgo. Verificámos a afinação destes instrumentos, e os mesmos três executantes, assistidos por um ou dois que passavam na ocasião, tornaram a tocar.

Os outros dois exemplos desta marimba encontrámo-los na Alfândega da Companhia de Moçambique, em Macovane, onde, por amabilidade do funcionário alfandegário, pude verificar a afinação, à sombra da sua varanda, durante o calor do dia. Estes instrumentos, tal como os outros, vieram de Chengue, a pesar de terem nomes diferentes: «Chimonguana» em vez de «Muniequera». Notei, quando verificava a afinação

destas marimbas que, uma suave pancada da maçanêta dava a impressão de que a nota estava um tanto alta. Era necessário verificar a afinação com pancadas razoavelmente fortes. Desde então soube por um amigo meu, afinador de pianos, com quem discuti o caso, que esta aparente elevação da nota também se verifica na afinação de pianos e especialmente em tubos de gaitas pastoris.

Tive muito boa impressão desta gente Changane. A sua presença, as suas maneiras, a excelência das suas palhotas de muitas divisões, a limpeza dos seus trajos e das suas casas, bem como os seus belos instrumentos musicais (que também incluíam um exemplar ou dois do pianinho (ou pianino), o pequeno piano manual, «Mebira»), tudo indicava cultura africana mais desenvolvida do que a de muitos dos seus vizinhos.

AFINAÇÃO DOS XILOFONES CHANGANES — MARIMBAS

| 1.   | 2.   | 4.   | 5.   | 7.   | 8.   |
|------|------|------|------|------|------|
| 1456 |      |      |      |      |      |
| 1328 |      | 1312 |      | 1328 |      |
| 1216 |      | 1200 | 1200 | 1216 | 1216 |
| 1088 | 1088 | 1088 | 1088 | 1104 | 1104 |
| 976  | 976  | 976  | 976  | 1008 | 1008 |
| 896  | 896  | 880  | 880  | 888  | 896  |
| 800  | 800  | 800  | 800  | 816  | 816  |
| 728  | 736  | 720  | 720  | 736  | 736  |
| 664  | 664  | 656  | 656  | 664  | 672  |
| 608  | 608  | 600  | 600  | 608  | 608  |
| 544  | 544  | 544  | 544  | 552  | 552  |
| 488  | 488  | 488  | 480  | 504  | 508  |
| 448  | 440  | 440  | 440  | 444  | 448  |
| 400  | 400  | 400  | 400  | 408  | 408  |
| 368  | 368  | 372  | 360  | 360  | 368  |
| 336  | 336  | 336  | 328  | 328  | 332  |
| 304  | 304  | 304  | 300  | 300  | 304  |
| 272  | 272  | 272  | 272  | 276  | 276  |
| 244  | 244  | 252  | 244  | 244  | 280  |
|      |      | 228  |      | 220  | 252  |
|      |      | 206  |      | 202  |      |
|      |      | 184  |      | 182  |      |
|      |      | 168  |      | 164  |      |
|      |      | 152  |      | 150  |      |

1 = Muniequera

2 = Secanajo

3 = Gulu

4 = Muniequera

5 = Secanajo

6 = Gulu

7 = Chimonguana

8 = Chimonguana

Grupo de três do Curral de Hamadi, perto de Mambone.

Grupo de três de Cufa Muucho, perto de Mambone.

Propriedade de Uatchi /  
Propriedade de Geze } em Macovane.

Todas estas marimbas foram compradas aos respectivos «marimbeiros», em Chengue, pelo preço de mais ou menos 50 escudos, cada. Chengue, creio que fica trinta a sessenta quilómetros distante de Mambone, terra a dentro, subindo o vale do Save. As pequenas diferenças

em cada jôgo são principalmente resultantes de pequenas avarias, tais como uma tecla fendida, uma lasca tirada ou um buraco ou racha remendados com cera de abelha, para evitar um ruído de cega-rega. Todos estes pequenos acidentes são suficientes para levemente desafinar os instrumentos, e, como os tocadores não eram os «marimbeiros», não era provável que soubessem como afiná-los de novo, com perfeição.

Não é possível chegar-se a conclusão alguma, com respeito à afinação destas marimbas, sem interrogar os «marimbeiros». Por estes exemplos, parece que a nota 300 ou 304 é uma daquelas pelas quais se tira a afinação. Isto equivaleria antes ao «Sange» chope do que ao «Chilanzane». A amplitude completa do instrumento é de três oitavas e uma têtça menor. A nota mais aguda do «Muniequera» de Hamadi (1456) é a mais elevada que jamais encontrei num instrumento africano desta espécie.

Os intervalos na oitava do instrumento de Hamadi são todos tons menores, excepto um tom maior entre o quarto e o quinto grau (relações 9:8, tom maior; 10:9, tom menor, e 11:10 bem como 12:11, tons menores não especificados, os dois últimos progressivamente menores do que o verdadeiro menor).

Coluna (a) — Escala aparente de Hamadi.

Coluna (b) — Relações de intervalos consecutivos.

Coluna (c) — Intervalos aproximados da tónica.

Coluna (d) — Equivalente europeu mais próximo.

| (a) | (b)             | (c)                       | (d)                    |
|-----|-----------------|---------------------------|------------------------|
| 608 | 608:544 = 10:9  |                           | 608 608 ré sustenido.  |
| 544 | 544:488 = 10:9  | 304 — 608 = Oitava.       | 544 542 dó sustenido.  |
| 488 | 488:448 = 12:11 | 304 — 544 = Sétima (9:5). | 488 483 si.            |
| 448 | 448:400 = 9:8   | 304 — 488 = Sexta menor.  | 448 456 lá sustenido.  |
| 400 | 400:368 = 12:11 | 304 — 448 = Quinta.       | 400 406 sol sustenido. |
| 368 | 368:336 = 11:10 | 304 — 400 = Quarta.       | 368 362 fá sustenido.  |
| 336 | 336:304 = 10:9  | 304 — 368 = Têtça menor.  | 336 341 fá.            |
| 304 |                 | 304 — 336 = Tom menor.    | 304 304 ré sustenido.  |

A pesar da quarta ser autêntica, a quinta é diminuta. Isto ainda mais se verifica na parte sul da Rodésia do Sul. No vale do Zambeze, porém, as quartas e quintas são quasi invariavelmente autênticas.

A afinação de Chimonguana de Uatchi (n.º 7) em Macovane, é quasi idêntica ao que mais tarde fui encontrar no Curral de Zavala, na timbila Chope, que lá encontrei. Que relação poderá haver entre os dois, não sei dizer.

| UATCHI | ZAVALA | MAIS PRÓXIMA NOTA EUROPEIA |
|--------|--------|----------------------------|
| 504    | 504    | 512 dó.                    |
| 444    | 456    | 456 lá susenido.           |
| 408    | 408    | 406 sol susenido.          |
| 368    | 368    | 362 fá susenido.           |
| 332    | 336    | 341 fá.                    |
| 304    | 304    | 304 ré susenido.           |
| 276    | 276    | 271 dó susenido.           |
| 252    | 252    | 256 dó.                    |



H U G H T. T R A C E Y

(Tradução do original inglês expressamente escrito para *Moçambique*  
— Ilustrações do autor).